

ESPERANDO A REVOLUÇÃO

Como é possível que “o mundo virado de ponta-cabeça” sempre consiga se *Endireitar*? Por que, como se fossem estações no Inferno, após a revolução sempre vem a reação?

Sublevação, ou a forma latina *insurreição*, são palavras usadas por historiadores para rotular revoluções *fracassadas* – movimentos que não percorrem o ciclo previsto: revolução, reação, traição, fundação de um Estado mais forte e ainda mais opressor – a volta da roda da fortuna, o retorno da história repetidamente à sua forma mais elevada: coturno na cara da humanaidade para sempre.

Ao deixar de seguir essa curva, a *sublevação*, o *levante* sugere a possibilidade de um movimento por fora e para além da espiral hegeliana daquele “progresso” que secretamente não passa de um círculo vicioso. *Surgo* – erguer-se, surgir. *Insurgo* – sublevar-se, levantar-se. Uma operação independente. Um adeus à maldita paródia da roda cármbica, futilidade revolucionária histórica. O lema “Revolução!” sofreu uma mutação: não é mais um sinal de alerta, mas uma toxina, uma armadilha do destino pseudognóstica e maligna, um pesadelo no qual, não importa o quanto lutemos, jamais escaparemos do Aeon do mal, daquele íncubo, o Estado, um Estado após o outro, cada “paraíso” regido por um anjo mais maligno.

Se a História É “Tempo”, como ela diz ser, então a *sublevação* é um momento que se lança acima e para fora do Tempo, que viola a “lei” da História. Se o Estado É História, como ele diz ser, então a insurreição é o momento proibido, uma imperdoável negação da dialética. Ela dança no alto do poste e sai pela ventarola da tenda, uma manobra de xamã executada a partir de um “ângulo impossível” em relação ao universo. A História diz que a Revolução chega a ter “permanência”, ou ao menos duração, enquanto a *sublevação* é “temporária”. Nesse sentido, uma *sublevação* é como uma “experiência de apogeu” em oposição à consciência e à experiência “ordinárias”. Como os festivais, as *sublevações* não podem acontecer todos os dias – ou não seriam “extraordinárias”. Mas esses momentos de intensidade dão forma e significado para uma vida inteira. O xamã retorna – não se pode ficar no telhado para sempre –, mas as coisas mudaram, transformações e integrações ocorreram – criou-se uma *diferença*.

Você dirá que se trata de uma proposta desesperada. E o sonho anarquista, o estado sem Estado, a Comuna, a zona autônoma com duração, uma sociedade livre, uma cultura livre? Devemos abandonar essa esperança em troca de algum *acte gratuit* existencialista? A questão não é mudar a consciência, mas mudar o mundo.

Aceito isso como uma crítica justa. Mas, no entanto, eu faria duas objeções; primeiro, a *revolução* nunca chegou a realizar esse sonho. A visão ganha vida no momento da *sublevação* – mas assim

que “a Revolução” triunfa e o Estado retorna, o sonho e o ideal já foram traídos. Não desisti da esperança e nem da expectativa de mudança – mas desconfio da palavra *Revolução*. Segundo, mesmo que troquemos a abordagem revolucionária por um conceito de *insurreição que se transforma espontaneamente em uma cultura anarquista*, nossa situação histórica particular não é propícia a uma empreitada tão vasta. Absolutamente nada além de um martírio fútil poderia resultar agora de uma colisão de frente com o Estado terminal, o Estado megacorporação da informação, o império do Espetáculo e da Simulação. Suas armas estão todas apontadas contra nós, enquanto nossos parcós armamentos não encontram nada contra o que atirar, além de uma histerese, uma vacuidade rígida, uma fantasmagoria capaz de converter cada centelha em um ectoplasma de informação, uma sociedade rendida e regida pela imagem do Policial e do absorvente olho da tela de TV.

Em suma, não estamos tentando vender a TAZ como um fim exclusivo em si, substituindo todas as outras formas de organização, táticas e objetivos. Nós a recomendamos porque ela pode fornecer a qualidade de aperfeiçoamento associada à sublevação sem necessariamente levar à violência e ao martírio. TAZ é como uma sublevação que não se envolve diretamente com o Estado, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e que depois se dissolve para se refazer em outro lugar, em outro momento, *antes* que o Estado consiga destruí-la. Porque o Estado se preocupa essencialmente com a Simulação e não com a substância, TAZ pode “ocupar” essas áreas clandestinamente e realizar seus propósitos festivos por algum tempo em paz relativa. Talvez algumas pequenas TAZs tenham durado vidas inteiras por terem passado despercebidas, como enclaves rurais – porque jamais se interseccionaram com o Espetáculo, nunca apareceram fora daquela vida real que é invisível aos agentes da Simulação.

A Babilônia toma suas abstrações por realidades; precisamente *dentro* dessa margem de erro a TAZ pode vir a existir. Dar início a uma TAZ pode envolver táticas de violência e defesa, mas sua maior força está em sua invisibilidade – o Estado não pode

reconhecê-la porque a História não tem uma definição para ela. Assim que a TAZ é nomeada (representada, mediada), ela deve desaparecer, ela irá desaparecer, deixando para trás uma casca vazia, para brotar outra vez em outra parte, outra vez invisível por ser indefinível nos termos do Espetáculo. A TAZ é, assim, uma tática perfeita para uma era em que o Estado é onipresente e todo-poderoso e, no entanto, ao mesmo tempo repleto de fissuras e vazios. E sendo TAZ um microcosmo daquele “sonho anarquista” de uma cultura livre, não me ocorre técnica melhor para trabalhar com vistas a esse objetivo, enquanto ao mesmo tempo se experimentam alguns de seus benefícios aqui e agora.

Em suma, o realismo exige não só que desistamos de *esperar* “A Revolução”, mas também que desistamos de *desejá-la*. “Sublevação”, sim – com a maior frequência possível e mesmo com o risco da violência. O *espasmo* do Estado Simulado será “espetacular”, mas na maioria dos casos a melhor e mais radical tática será recusar tomar parte na violência espetacular, *retirar-se* da área de simulação, desaparecer.

A TAZ é um acampamento de uma guerrilha ontológica: ataque e saia correndo. Continue movimentando a tribo inteira, mesmo que sejam apenas dados na internet. TAZ deve ser capaz de defesa; mas tanto o “ataque” quanto a “defesa” deveriam, se possível, esquivar-se da violência do Estado, que já não é mais uma violência com *significado*. O ataque é feito a estruturas de controle, basicamente contra ideias; a defesa é a “invisibilidade”, uma *arte marcial*, e a “invulnerabilidade” – uma arte “oculta” dentro das artes marciais. A “máquina de guerra nômade” conquista sem ser notada e se movimenta antes que o mapa possa ser ajustado. Quanto ao futuro, apenas os autônomos podem *planejar* a autonomia, organizar-se para ela, criá-la. Trata-se de uma operação que se faz independentemente, com pouco ou nenhum auxílio externo. O primeiro passo é algo semelhante ao *satori* – a conscientização de que a TAZ começa com um simples ato de conscientização.